Editorial

"A densa selva das palavras envolve
espessamente o que sinto e vivo,
e transforma tudo o que sou
em alguma coisa minha que fica"

Clarice Lispector¹

Este número apresenta uma densa e intensa selva de palavras – palavras alheias tornadas próprias² que se enredam e entretecem seus autores, suas práticas e saberes. Palavras lançadas na selva polifônica e polissêmica que se expande para direções várias, selva que se ramifica cada vez mais e mais intensamente ao sabor dos acontecimentos e com a intensidade dos encontros.

O primeiro artigo, intitulado "Trajetória Ergológica e a Gênese do Conceito Usos de Si" e escrito por Yves Schwartz e Nicole Mencacci, trabalha com a gênese dos principais conceitos ergológicos problematizando de forma instigante os usos de si no campo no trabalho que possibilitam a reinvenção de normas diante da precariedade das já conhecidas e impostas.

Na trilha do pensamento sobre o trabalho, Elizabeth Barros, Ana Paula Louzada e Dani Vasconcellos, em "Clínica da Atividade em uma Via Deleuziana: por uma Psicologia do Trabalho", apostam em conectar o trabalho real sob a ótica deleuziana entendendo-o como território de diferenciação da vida e inovando a própria Psicologia do Trabalho através de importante interlocução com Yves Clot.

A problematização da pesquisa é recorrente nos demais artigos do presente número. Em "Reflexões sobre a escrita da pesquisa como tecnologia de (re)criação de si", Andréa Vieira Zanella entende a escrita em pesquisa como dispositivo que constitui/(re)cria tanto a realidade quanto seu próprio autor. Escrita de pesquisa é, nessa perspectiva, processo que se apresenta como condição para o distanciamento em que a pessoa que escreve se alça à condição de outra de si mesma. Movimento de alteridade mediado pela palavra que ganha corpo ao ser proferida, e que na medida em que é cunhada, transforma o seu próprio criador e o leitor que a (re)cria.

Em "Ritornelos para o pesquisar no contexto das tecnologias virtuais do sensível", de Tania Mara Galli Fonseca, Luis Artur Costa e Patrícia Kirst, as tecnologias virtuais e suas relações com a pesquisa apontam para a concepção da metodologia como produtora de sensibilidades e acessos ao mundo que se quer conhecer e inventar. Sua proposta dá-se através de oito ritornelos-enunciados que poderão convir com aqueles que desejam produzir pesquisa como máquina geradora de mundos e sentidos para a existência.

Leila Domingues Machado, em "Imagens da subjetividade", aborda processos metodológicos sob a perspectiva cartográfica em uma postura ético-estético e política, tendo o vídeo como dispositivo de captação da expressividade do campo de pesquisa de onde emerge a subjetivação. A subjetivação, para autora, é paisagem mutante ou mapa em movimento e, por este motivo, o pesquisar não envolve precisão, o que não pode ser considerado carência e sim irradiação dos movimentos da vida.

A ênfase nas possibilidades de fazer pesquisa utilizando alguns recursos das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), tais como câmeras digitais e filmadoras (videografia), como recursos que qualificam e potencializam as contribuições da abordagem sócio-histórica, especificamente as obras de Vygotsky, para a pesquisa qualitativa são o objeto de Susana Inês Molon, em "Questões Metodológicas na Pesquisa Histórica".

Adentrando o escopo da tecnologia em sua face de controle globalizado, flutuante e onipresente Maria Livia do Nascimento, Lilia Lobo e Cecilia Coimbra, no artigo "Informatização da vida e controle da existência", trazem à tona a impossibilidade de neutralidade e objetivação perante a instantaneidade e a pseudo-democratização da passagem e organização das informações na contemporaneidade. As novas tecnologias não possuem um cerne e nem uma natureza e, sim, a

¹ LISPECTOR, C. *Água viva*. 2. ed. Rio de Janeiro: Artenova, 1973.

² Essa expressão é tomada de empréstimo de Bakhtin e Voloshinov (*Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1997.)

necessidade premente de debate e competência crítica.

Em “Tecnologias digitais e jovens usuários de serviço de saúde mental”, de Nithiane Capella, Cleci Maraschin, Vanessa Maurente e Simone Moschen Rickes, nos oferecem acesso a uma experiência de utilização de tecnologias digitais na área da saúde mental. A análise situa-se na construção compartilhada de um *blog* por jovens usuários de um serviço de saúde mental, facilitando a evidência de autoria coletiva e empreendendo um importante investimento no estudo de políticas públicas de saúde que possam utilizar como ferramentas de intervenção e de capacitação as tecnologias digitais.

Finalmente, em “Do pressuposto dialógico em pesquisa: o lugar da multiplicidade na formação (docente) em rede” de Margarete Axt, a relação tecnologia, pesquisa e formação é posta em pauta no plano da pesquisa-intervenção. Na ótica da pesquisa, o contexto de experimentação configura um operar *cartográfico*, mapeando os pontos de intensidade bifurcativa e suas derivações, enquanto que, na formação, o diálogo polifônico engendrado na multiplicidade das vozes caracteriza possibilidades de *autoria*.

Nessa selva rizomática, os autores perscrutam algumas de suas infinitas direções e seus escritos polvilham as raízes que ali estão com possibilidades várias de novos e novos ramilhos. As direções eleitas são aquelas em que é possível ouvir o caloroso debate sobre as possibilidades metodológicas para pesquisas que têm a heterogênesse como fundação, ponto de partida e de chegada, pressuposto e condição.

Caloroso como todo e qualquer debate onde a dialogia encontra guarida, a discussão metodológica é reconhecida em sua importância na medida em que, sob sua égide, podem se transformar práticas de pesquisa e, no seu esteio, os conhecimentos daí advindos. Reflexões metodológicas, portanto, continuam sendo necessárias, tanto no que se refere aos seus fundamentos e pressupostos, às ferramentas que podem vir a ser utilizadas, bem como sobre seus efeitos.

Ferramentas, por sua vez, são meios técnicos, e na pesquisa estão a serviço de determinado logos: *tecno*-arte, *logos*-palavra que reinventa a própria arte e ela mesma é *tecno*, realidade criada a recriar a realidade e seus artífices.

Reúnem-se, pois, neste número da revista Informática na Educação, artífices, artistas e arteiros que, a partir de diferentes lugares e com variados olhares, tecem palavras e as lançam na arena espessa do debate sobre pesquisa e heterogênesse para que muitas e muitas outras possam, a partir destas ou a estas, se contrapor.

Andréa V. Zanella
Patrícia G. Kirst